

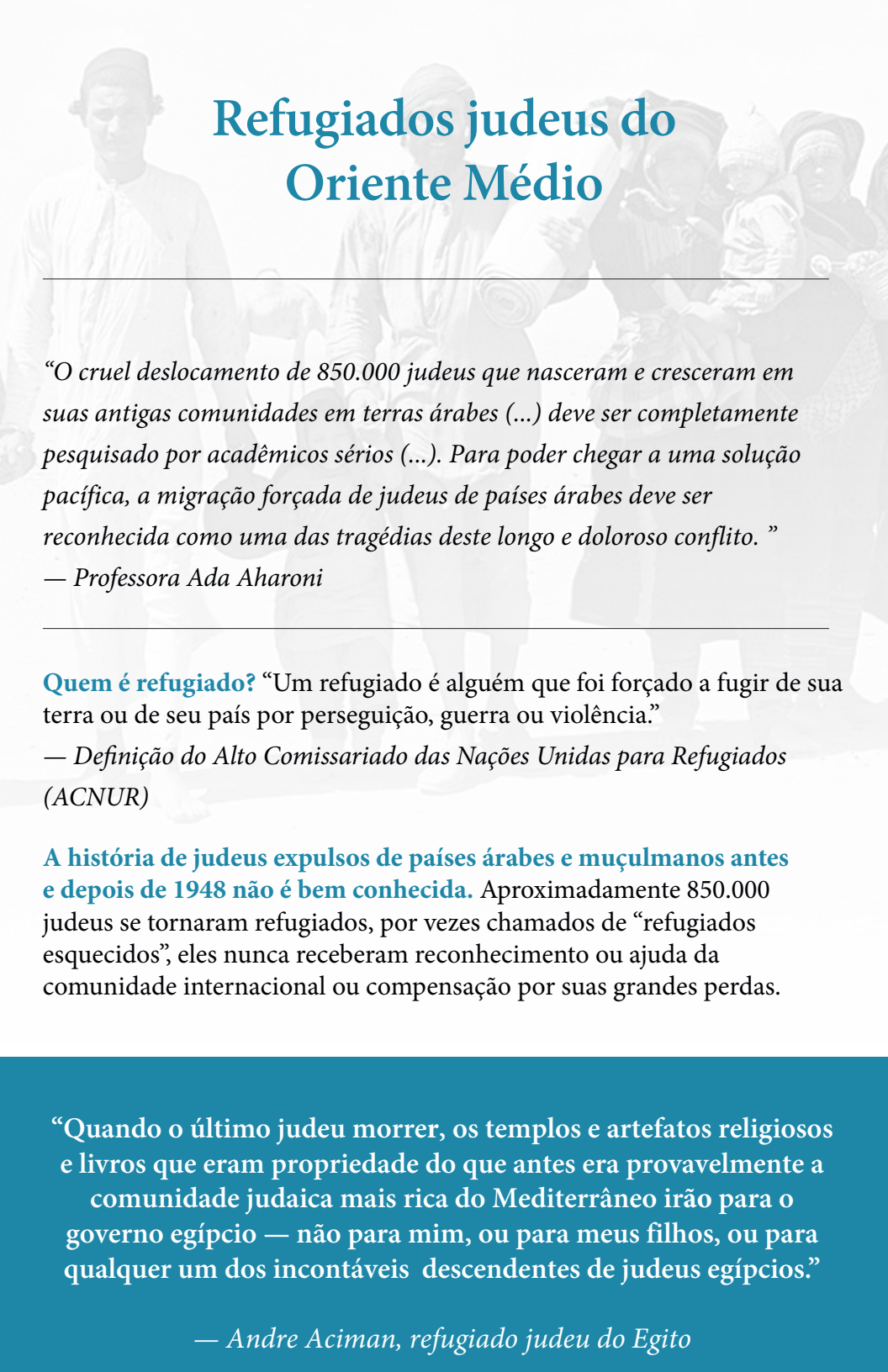
REFUGIADOS JUDEUS DO ORIENTE MÉDIO

— UMA INJUSTIÇA ESQUECIDA —



Produzido por

StandWithUs
BRASIL



Refugiados judeus do Oriente Médio

“O cruel deslocamento de 850.000 judeus que nasceram e cresceram em suas antigas comunidades em terras árabes (...) deve ser completamente pesquisado por acadêmicos sérios (...). Para poder chegar a uma solução pacífica, a migração forçada de judeus de países árabes deve ser reconhecida como uma das tragédias deste longo e doloroso conflito.”

— Professora Ada Aharoni

Quem é refugiado? “Um refugiado é alguém que foi forçado a fugir de sua terra ou de seu país por perseguição, guerra ou violência.”

— Definição do Alto Comissariado das Nações Unidas para Refugiados (ACNUR)

A história de judeus expulsos de países árabes e muçulmanos antes e depois de 1948 não é bem conhecida. Aproximadamente 850.000 judeus se tornaram refugiados, por vezes chamados de “refugiados esquecidos”, eles nunca receberam reconhecimento ou ajuda da comunidade internacional ou compensação por suas grandes perdas.

“Quando o último judeu morrer, os templos e artefatos religiosos e livros que eram propriedade do que antes era provavelmente a comunidade judaica mais rica do Mediterrâneo irão para o governo egípcio — não para mim, ou para meus filhos, ou para qualquer um dos incontáveis descendentes de judeus egípcios.”

— Andre Aciman, refugiado judeu do Egito

Judeus: nativos do Oriente Médio

O povo judeu é nativo do Oriente Médio. Judeus tiveram presença contínua em Israel e em outras partes da região por mais de 3.000 anos. A palavra “Judaísmo” está diretamente ligada à região de Israel chamada, em hebraico, de Yehudá (ou seja, Judá).

Enquanto o centro da antiga vida judaica estava em Israel, as comunidades da Diáspora foram desenvolvidas na Babilônia (Iraque), Damasco (Síria), Líbia, Egito, Península Arábica e partes do Império Romano.

Após Roma ter massacrado revoltas judaicas em 70 e 135 EC e destruído Jerusalém, a Diáspora cresceu ainda mais. Roma rebatizou Judá, chamando-a de "Síria Palestina" para apagar todos os vestígios da civilização judaica. A vida judaica continuou na parte norte da terra por séculos, apesar dos esforços de Roma em apagá-la, mas eventualmente os judeus se tornaram uma minoria oprimida em sua terra ancestral.

Alguns sobreviventes foram trazidos para Roma como escravos, formando o núcleo do Judaísmo europeu. Enquanto isso, muitos judeus permaneceram no Oriente Médio, uma comunidade que foi conhecida eventualmente como “Mizrahim” ou “Orientais”. Embora judeus em todos os lugares tenham raízes no Oriente Médio, os judeus Mizrahim são aqueles que nunca deixaram a região.



Artefato mostrando a antiga versão da língua falada em Israel hoje - hebraico.



O Arco de Tito, Roma.



Detalhe do Arco de Tito (construído em 81 AEC), retratando soldados romanos saqueando artefatos judaicos de Jerusalém.

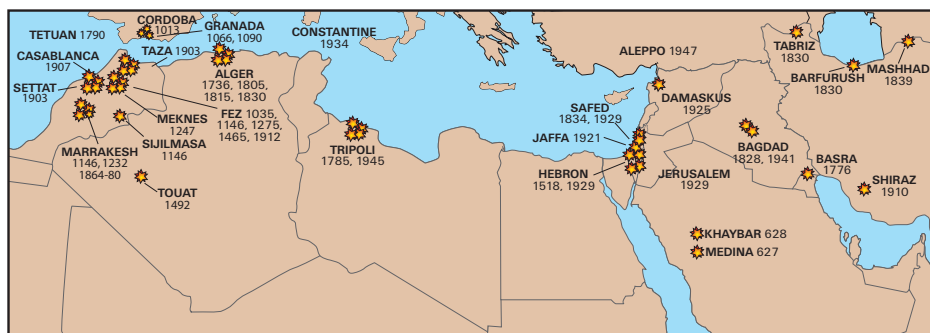
Colonização

No século VII AEC, exércitos árabes varreram a Arábia sob a bandeira de uma nova religião, o Islã, e conquistaram vastas regiões do Oriente Médio e Norte da África. Eles vieram para governar os curdos, judeus e outros povos nativos. Ao longo dos séculos, por meio de um processo de colonização, essas regiões ficaram conhecidas como o “mundo árabe”. Após esta colonização, judeus e cristãos da região foram legalmente classificados como “dhimmis”, uma palavra árabe que significa “pessoa protegida”. Em troca de “proteção”, esperava-se que judeus e cristãos pagassem um imposto especial e agissem como parte de uma população subordinada e inferior.



*Imagem cortesia de
Andrew Bostom.*

Raízes da Perseguição e Expulsão de Judeus do Oriente Médio



Massacres anteriores a 1948 no mundo árabe (T. Karfunkel).

A expulsão de judeus dos Estados árabes não foi apenas uma reação injusta e racista contra o restabelecimento de Israel em 1948. Ao contrário dos mitos predominantes, judeus e árabes nem sempre viveram em harmonia durante séculos. As comunidades judaicas prosperaram durante bastante tempo e em várias localidades, produziram alguns dos rabinos, estudiosos e líderes mais influentes do judaísmo. Durante outros períodos, elas sofreram severa marginalização, discriminação e até massacres, embora não com tanta frequência quanto a enfrentada pelos judeus na Europa. Por tudo isso, os judeus sempre foram cidadãos de segunda classe na melhor das hipóteses e brutalmente oprimidos na pior. Sua expulsão pelos governos árabes no século XX teve suas raízes nessa opressão histórica.

“A condição dos judeus é outra forma de escravidão.”

— Rev. Lancelot Addison, Capelão Britânico em Tânger, Marrocos, 1662-1669

Séculos XIX a XX: fim das Regras Dhimmi: Durante o domínio colonial europeu no Oriente Médio, as regras "Dhimmi" foram praticamente abolidas. Os judeus começaram a participar plenamente da vida econômica, política e cultural. Eles se tornaram advogados, banqueiros e funcionários públicos e, em alguns casos, ascenderam a altos cargos governamentais. No entanto, esse status melhorado também alimentou ressentimento e hostilidade contra os judeus em alguns casos.

Intolerância e marginalização de não árabes no século XX: Estados árabes recentemente independentes marginalizaram e suprimiram as culturas de povos não árabes e/ou não muçulmanos como coptas, assírios, curdos e amazighs.



O Sultão do Marrocos abriu um de seus palácios para judeus fugindo de motins violentos contra eles em Fez, em 1912.

A influência do nazismo

A Alemanha nazista exerceu influência significativa no Oriente Médio na década de 1930. A Irmandade Muçulmana, fundada no Egito em 1928 e posteriormente subsidiada por fundos alemães, tornou o racismo antijudaico central em sua ideologia. O líder árabe-palestino Haj Amin al-Husseini colaborou com Adolf Hitler durante a Segunda Guerra Mundial e transmitiu propaganda nazista para todo o mundo árabe a partir de uma estação de rádio de Berlim. Ele esperava trazer a “Solução Final” para o Oriente Médio, e sua propaganda racista alimentou ainda mais o antissemitismo no mundo árabe.

Hoje, o racismo contra os judeus continua exercendo uma influência significativa no Oriente Médio. A Irmandade Muçulmana é uma organização poderosa em toda a região. O Hamas, que governa Gaza, é a ala palestina da Irmandade Muçulmana (Estatuto do Hamas, Artigo 2). O Hamas é designado como organização terrorista pela UE, EUA, Canadá, Japão e Jordânia.



O líder árabe palestino Haj Amin al-Husseini e Adolf Hitler se encontram em 1941.

“[Judeus] eram considerados pessoas que normalmente poderiam ser toleradas se aceitassem o domínio dos muçulmanos, mas que careciam de honra e não podiam lutar. Isso é importante se quisermos entender o sentimento de humilhação no mundo islâmico por ser derrotado militarmente por Israel ... É, como costumávamos dizer no pátio da escola: como ser espancado por uma menina”.— *escritor judeu tunisiano Albert Memmi*

A destruição dos judeus Mizrahi

Em meados do século XX, as forças conjuntas do nacionalismo pan-árabe e do islamismo político causaram o fim das comunidades judaicas Mizrahim. Hoje, 99% dessas comunidades não existem mais. Antes e depois de Israel declarar sua independência em 1948, a hostilidade contra os judeus aumentou dramaticamente em todo o Oriente Médio. Os regimes árabes, coordenados pela Liga Árabe, promulgaram a legislação negando os direitos humanos e civis aos judeus. Como resultado da discriminação, violência, expulsão e medo, 850.000 judeus Mizrahi tornaram-se refugiados, forçados a deixar tudo para trás.

População Judaica no Oriente Médio e países do norte da África

	1948	2016	Porcentagem Restante
Argélia	140,000	50	0.1%
Egito	75,000	100	0.2%
Irã	100,000	9,000	9%
Iraque	150,000	0	0%
Líbano	20,000	200	1%
Líbia	38,000	0	0%
Marrocos	265,000	2,300	0.9%
Síria	30,000	2,300	0.4%
Tunísia	105,000	1,100	1.1%
Iêmen	55,000	50	0.1%

Tentativas de suprimir a liberdade do do Povo Judeu • 1947-1972

“A vida de um milhão de judeus em países muçulmanos será ameaçada pelo estabelecimento do Estado Judeu.” —Heykal Pasha, Delegação do Egito na ONU

Após mil e novecentos anos de expropriação e opressão em toda a Europa e no Oriente Médio, o povo judeu iniciou um movimento de libertação e trabalhou para restabelecer um Estado judeu em sua terra ancestral. Infelizmente, os líderes árabes se recusaram a aceitar o direito judaico à autodeterminação. A Liga Árabe (fundada em 1945) não apenas lançou uma guerra para destruir Israel em 1948, mas também promoveu leis discriminatórias contra judeus que viviam em países árabes.



New York Times, 16 de maio de 1948.

Manchete: Judeus em grande perigo em terras muçulmanas

Políticas dos Estados Árabes contra os judeus: 1948-1972

Despojamento da cidadania: todos os países árabes, exceto Líbano e Tunísia.

Prisões e detenções: Todos os países árabes, exceto Líbano e Tunísia.

Motins ou pogroms:: Todos os países árabes. Sem exceções.

Restrições religiosas: Argélia, Egito, Marrocos, Tunísia e Iêmen.

Criminalização do sionismo: Egito, Iraque, Líbano, Líbia, Marrocos, e Síria.

Restrição da liberdade de ir e vir: Iraque, Líbia, Marrocos, Síria, e Iêmen.

Discriminação de empregos e rescisão de empregos: Judeus foram demitidos e/ou banidos de certas carreiras no Egito, Iraque, Líbano, Marrocos, Síria e Iêmen.

Congelamento de ativos: Todos os países árabes, exceto Marrocos.

Confisco de propriedade: Todos os países árabes, exceto Marrocos.

Exemplos de comunidades destruídas

Judeus iraquianos (babilônios)

A comunidade judaica iraquiana era uma das mais antigas do mundo. Em 586 AEC., o Império Babilônico conquistou Judá e destruiu Jerusalém. A maioria dos judeus foi exilada para a Babilônia (atual Iraque). Cerca de 50 anos depois, a Babilônia foi conquistada pelos persas, cujo governante, Ciro, o Grande, decidiu libertar todos os povos exilados. Muitos judeus retornaram a Judá para reconstruir Jerusalém e restabelecer a soberania judaica, mas alguns permaneceram. Após Roma destruir Jerusalém em 70 EC, o centro da vida judaica mudou para a Galileia e para a Babilônia. Os judeus babilônios criaram vários grandes eruditos, cuja influência no judaísmo perdura até hoje. No século XX, cerca de 150.000 judeus viviam no Iraque e desempenharam um papel vital na formação do país após sua independência em 1932. Em 1933, os nazistas assumiram o poder na Alemanha. Os principais nacionalistas árabes iraquianos, procurando um aliado antibritânico, contrataram a inteligência alemã. A propaganda nazista logo apareceu em Bagdá, influenciando as políticas do governo iraquiano. Em 1934, dezenas de judeus foram demitidos de cargos no governo do Iraque, e cotas antijudaicas foram introduzidas nas universidades e no serviço público. Em 1941, oficiais iraquianos pró-nazistas, conhecidos como a “Praça Dourada”, derrubaram o governo do Iraque com apoio popular significativo. Em 1 e 2 de junho de 1941, inspirados por programas antijudaicos, milhares de iraquianos se armaram e atacaram judeus em Bagdá e Basra, matando quase duas centenas e ferindo 2.000. Uma vala comum para 600 corpos de judeus foi cavada. Em 1948, o governo iraquiano aprovou uma série de leis racistas privando os judeus de seu sustento. Muitos judeus começaram a fugir e, em 1951, Israel lançou as Operações Ezra e Nechemia para ajudá-los a escapar. Entre cerca de 120.000 a 130.000 judeus iraquianos foram transportados de avião para o Estado judeu. Ao partirem, o Iraque retirou-lhes a cidadania e confiscou todas as suas propriedades no país. Hoje, não há mais nenhum judeu no Iraque, a limpeza étnica foi completa.



Judeus egípcios

Paráfrase de “Refugiados judeus de países árabes: o caso por direitos e reparação” por Justiça para judeus de países árabes:

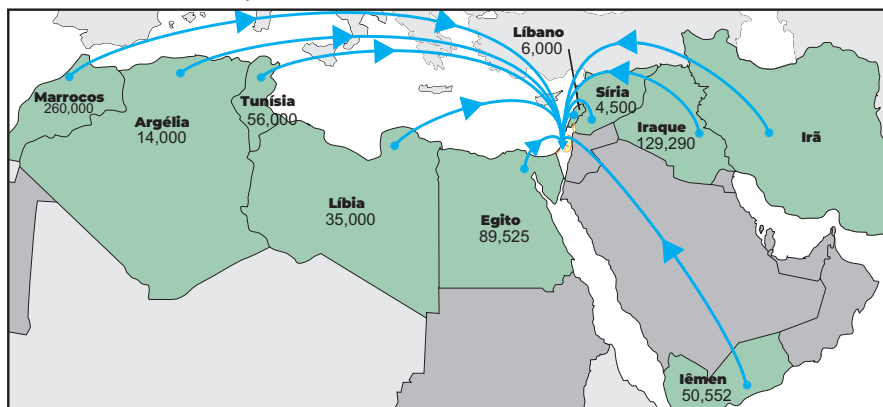
Em 1937, havia 63.500 judeus no Egito — onde existiam comunidades judaicas desde os tempos bíblicos. Na década de 1940, a ascensão do nacionalismo egípcio contribuiu para um aumento do antissemitismo. Em 1945, eclodiram motins — dez judeus foram mortos; 350 feridos e várias instituições judaicas foram incendiadas.

Entre junho e novembro de 1948, o governo se engajou na violência e em medidas repressivas. Uma série de ataques a bomba matou mais de 70 judeus e feriu quase 200. Os distúrbios nos meses seguintes resultaram em muito mais mortes de judeus. Dois mil judeus foram presos e muitos tiveram suas propriedades confiscadas. Em 1956, o governo egípcio enviou 1.000 judeus para prisões e campos de detenção e expulsou 25.000 do país. Eles foram autorizados a levar apenas uma mala, uma pequena quantia em dinheiro e foram obrigados a assinar declarações de “doação” de seus bens ao governo egípcio.

Em 1957, a população judaica do Egito era de apenas 15.000. Após a Guerra dos Seis Dias de 1967, o Egito renovou sua perseguição e a comunidade caiu para 2.500. Na década de 1970, depois que os judeus restantes receberam permissão para deixar o país, a comunidade diminuiu para apenas algumas famílias.



Refugiados judeus de origem árabe e países muçulmanos • 1948–1978



Mapa mostrando o número de judeus que fugiram de países do Oriente Médio e retornaram ao lar ancestral do povo judeu.

Pré-1948: Em 1948, quase 1 milhão de judeus viviam em terras árabes-muçulmanas. Os judeus são um povo indígena do Oriente Médio que viveu na região desde antes da fundação do Islã. Bagdá era 40% judia no início do século XX.

Pós-1948: Essas comunidades judaicas foram destruídas. Os judeus perderam a cidadania e, na maioria dos casos, foram despojados de suas propriedades.

Aproximadamente 650.000 refugiados judeus voltaram para sua terra natal em Israel, onde eles e seus descendentes se tornaram a maioria da população do país e uma parte integrante da sociedade israelense. Outros 200.000 fugiram para o ocidente.

Comparativo de refugiados palestinos e judeus: em 1948, entre 472.000 e 750.000 árabes palestinos tornaram-se refugiados como consequência da Guerra de Independência, um número aproximadamente equivalente ao número de refugiados judeus. Enquanto uma pequena minoria de refugiados árabes palestinos foi expulsa pelas forças israelenses, a grande maioria fugiu por conta própria, para escapar da zona de guerra provocada pelos Estados árabes. Cerca de 165.000 deles ficaram, tornaram-se cidadãos iguais em Israel e agora representam aproximadamente 20 por cento da população. Se os líderes árabes tivessem optado por um acordo em vez da guerra, não haveria refugiados palestinos. Por outro lado, refugiados judeus de países árabes fugiram principalmente por causa da opressão ativa a que foram submetidos pelos governos árabes. A outra diferença fundamental entre essas crises de refugiados é que a ONU criou uma agência especial - UNRWA - para ajudar os palestinos e aprovou mais de 100 resoluções sobre sua situação, a instituição ainda opera hoje. Em contraste, os refugiados judeus receberam pouco reconhecimento e nenhuma ajuda da ONU. Hoje, 99% dos judeus foram eliminados etnicamente dos países árabes e muçulmanos.

Exílio e reassentamento



Judeus expulsos de países árabes, 1948–1972.

“Fomos despojados de nossa nacionalidade egípcia, que tínhamos por cinco gerações. Nossos bens pessoais — contas bancárias, casas etc. — também foram confiscados e nos disseram para nunca mais voltar.” — Henry Mourad, refugiado judeu do Egito, 1956

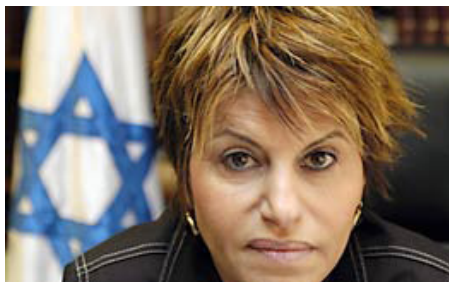
“Minha mãe não conseguia parar de chorar ao ver a vida de seus vizinhos judeus inocentes em estado de destruição.” — Abdel, líbio muçulmano de Benghazi, 1948



Enquanto centenas de milhares de refugiados judeus de países árabes se reuniram no novo Estado judeu, o governo não teve escolha a não ser construir acampamentos onde os imigrantes viviam, alguns por muitos anos. Esta foto é de 1950.

Retornando ao lar: a Terra de Israel

Em Israel, os refugiados judeus encontraram segurança, liberdade, justiça e um lugar para construir um futuro melhor para seus filhos. Ao mesmo tempo, a vida não era sempre fácil. Muitos judeus Mizrahim viveram em campos de refugiados por anos e tiveram que superar atitudes discriminatórias, pobreza e falta de representação no governo. Apesar desses desafios, esses refugiados judeus e seus descendentes tornaram-se parte integrante da sociedade, política e cultura israelense.



Dalia Itzik, de família iraquiana, porta-voz do Parlamento israelense (2006–2009)



A-Wa, trio de hip-hop que mistura música tradicional do Iêmen à batidas eletrônicas.



Ex-jogador de futebol Yossi Benayoun tem raízes marroquinas.



Filho de judeus libios, Moshe Kahlon foi ministro das Finanças de Israel (2015–2020).



Benjamin Ben-Eliezer (1936–2016) nasceu no Iraque e foi sete vezes ministro de diferentes pastas, entre 1996 e 2011, em Israel.



Gabi Ashkenazi, ex-chefe do Estado-Maior das Forças Armadas de Israel (2007–2011), vem de família síria.

“Gostei da sensação em Israel de que andava na rua e ninguém olhava para mim com hostilidade.” —Isabelle Fhima, judia marroquina que mora em Israel

Refugiados judeus: Uma injustiça esquecida

A história e os direitos dos refugiados judeus devem ser reconhecidos. Apesar de terem sido finalmente absorvidos em Israel e nas nações ocidentais, a injustiça que sofreram no passado deve ser abordada e lembrada. Eles foram deslocados; suas vibrantes e ricas culturas foram destruídas. Israel designou 30 de novembro como o dia da memória para os refugiados judeus de Estados árabes, partida para aumentar a conscientização por meio de eventos na ONU.

Por que a questão dos refugiados judeus é tão crítica?

Muitas pessoas enxergam o conflito no Oriente Médio com lentes distorcidas. Eles não estão cientes do sofrimento dos judeus forçados a partir de suas comunidades centenárias no Oriente Médio e no Norte da África. Hoje, está crescendo o reconhecimento de que há um imperativo moral e legal para o direito que os refugiados judeus têm de serem incluídos na agenda internacional.

- Em 2008, o Congresso dos EUA aprovou uma resolução exigindo que refugiados judeus sejam mencionados em todos os documentos oficiais que se referem a refugiados palestinos.
- Em 2010, o Knesset israelense (Parlamento) promulgou uma lei que proibia selar acordos de paz a não ser que haja compensação para refugiados judeus de origem árabe.

“Fomos desenraizados e expulsos. Foi-nos negada compensação. Nós assistimos, impotentes, à medida que nossa cultura, língua e legado desapareciam e nossa parte na história era apagada sistematicamente. Em suma, fomos na verdade varridos etnicamente.” —Raphael Luzon, judeu líbio cujo tio e oito primos foram assassinados na Líbia em 1967



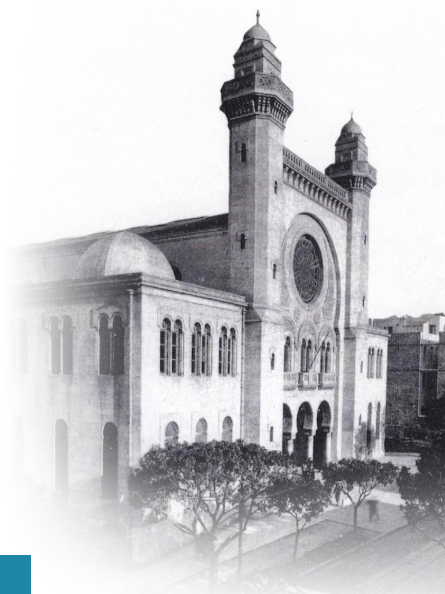
Judeus de Fez, Marrocos, 1900 e (à dir) Casamento judaico, Aleppo, Síria, 1914

Por que os refugiados judeus são a chave para a paz e reconciliação?

Os refugiados judeus de países árabes e seus descendentes representam ao menos metade da população judaica israelense, a grande maioria não quer retornar aos países onde sofreram perseguições e violências intoleráveis. O que desejam é que a comunidade internacional reconheça seu sofrimento e integre a compensação total pela perda de propriedade em qualquer acordo de paz no Oriente Médio. Os bens perdidos por refugiados judeus são estimados em 50% a mais do que os bens perdidos pelos palestinos.

“Só o reconhecimento da verdade inconveniente levará à reconciliação, porque sem a verdade não pode haver reconciliação.”

—Gina Bublil Waldman,
Refugiada judia da Líbia



Grande Sinagoga de Oran, na Argélia, confiscada e transformada em mesquita em 1975 após a partida dos judeus.

Fontes sobre os Judeus dos países árabes

Webgrafia

Point of No Return at
www.jewishrefugees.blogspot.com

Justice for Jews from Arab Countries at
www.justiceforjews.com

JIMENA (Jews Indigenous to the Middle East and North Africa) at www.jimena.org

Resources on Sephardic Communities at www.columbia.edu/cu/lweb/indiv/mideast/cuvlj/sephardic.html

Bibliografia

Levin, Itamar. *Locked Doors: The Seizure of Jewish Property in Arab Countries*. Praeger, 2001.

Lewis, Bernard. *The Jews of Islam*. Princeton University Press, 1987.

Shulewitz, Malka Hillel. *Forgotten Millions: The Modern Jewish Exodus from Arab Lands*. Continuum, 2000.

Stillman, Norman A. *The Jews of Arab Lands in Modern Times*. Jewish Publication Society, 2003.

Zohar, Zion. *Sephardic and Mizrahi Jewry: From the Golden Age of Spain to Modern Times*. NYU Press, 2005.

REFUGIADOS JUDEUS DO ORIENTE MÉDIO

UMA INJUSTIÇA ESQUECIDA



Judeus destituídos foram para Israel em alguns dos maiores transportes aéreos de todos os tempos. Na chegada eles foram alojados em acampamentos “maabarot” (de trânsito), em tendas e, posteriormente, em cabanas de madeira. Alguns desses campos existiram por 13 anos.

Instagram: @standwithus_brasil

Facebook: StandWithUs Brasil

YouTube: StandWithUs Brasil

StandWithUs
BRASIL

Patrocinado por:


EVELYN &
DR. SHMUEL
KATZ

www.standwithus.com/brazil
digitalbrasil@standwithus.com
(11) 3805-6460

Produzido por StandWithUs Brasil. © 2019